



Fundado no Sesquicentenário
da Batalha do Seival

O GAÚCHO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DO
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO
GRANDE DO SUL

200 anos de Sampaio

Ano 2010

Nº 92

A BATALHA DE RIACHUELO

Deflagrou-se no dia 11 de junho de 1865, domingo da Santíssima Trindade. É o maior feito da História Naval Brasileira. Justo, pois, que festejemos tão insofismável e contundente vitória.

Nas águas do Riachuelo, duas léguas abaixo da cidade argentina de Corrientes, bem próximo à confluência com o rio Paraná, se encontravam em linha de combate, mas de fogos apagados, nove canhoneiras da Imperial Marinha do Brasil. Estes navios, capitaneados pela “Amazonas”, constituíam a 2ª e 3ª Divisões da Esquadra, sob o comando do então Capitão-de-Mar-e-Guerra Francisco Manoel Barroso.

Eram nove horas da manhã, quando ligeiras nuvens de fumaça denunciavam a aproximação de navios inimigos. Lança a “Mearim” o sinal de alarme e logo a “Amazonas” desfralda o “Prepara para o combate”. Um único sentimento sacode a Esquadra. **“O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever”** foi a mensagem que galvanizou o heroísmo e o espírito de luta dos nossos combatentes. Soltam-se as amarras, fogos acesos, peças e baterias em posição. Marinheiros e soldados a postos.

Descendo o rio surgem os paraguaios. São oito navios rebocando seis chatas guarnecidas de canhões de grosso calibre. Sua tripulação era constituída de homens de elite no combate corpo a corpo. Completava o Contingente uma Força de 2.000 soldados de infantaria do Exército, colocados às margens do rio.

Dá-se a luta sangrenta e brutal. Tiros cruzados, navios encalhados, tubos de vapor rompidos, vergas e mastros tombados, cascos arrebatados, escalerres voando em pedaços, guarnições dizimadas à metralha, homens ao mar, cadáveres sobre os conveses.

Agora trava-se violento combate corpo a corpo no tombadilho da “Parnaíba”, abordada por três navios paraguaios. Por várias vezes o inimigo é rechaçado e retoma suas posições. Os brasileiros combatem com inexcedível bravura. Um oficial paraguaio tenta se apoderar do pavilhão auri-verde. Não o consegue. O intrépido Guarda-Marinha Greenhalgh retoma-o, abraça-se a ele e morre sob violentas e traiçoeiras cutiladas.

Mais adiante, o legendário imperial marinheiro Marcilio Dias enfrenta, sozinho, quatro paraguaios armados de sabres e machadinhas. Abate os inimigos, mas, por fim, terrivelmente mutilado, encontra morte gloriosa.

Em meio à luta desigual, surgem, para socorrer a “Parnaíba”, os navios “Mearim” e “Belmonte”. Cadáveres enchem o tombadilho. Fogem os paraguaios. Os que não conseguem são mortos. A “Parnaíba” está salva.

Ao entardecer daquele dia, ainda se lutava na “Mearim”, na “Belmonte”, na “Beberibe” e na “Araguari”. Combate-se lado a lado com reconhecido denodo. Foi aí que o chefe Barroso tomou a

decisão histórica de investir com a “Amazonas”, sucessivamente, contra três navios paraguaios, pondo-os fora de combate. Os demais fogem rio acima. Era o fim da memorável jornada.

Cortadas as pretensões paraguaias, reduzidos os suprimentos do seu exército e franqueada a navegação do rio Paraná às forças aliadas, pode Osório levar adiante o seu plano de invasão do território inimigo, possibilitando, finalmente, a Caxias a conduzir o brasileiros à vitória total, pelo aniquilamento dos últimos focos de resistência do tirano Solano Lopes.

Decorridos 145 anos dessa bela página de heroísmo, rendamos nossas homenagens e o preito de nossa saudade a quantos tingiram com o seu sangue as águas do Riachuelo e a tantos que, diante da morte ou do sacrifício, legaram o edificante exemplo da coragem e do dever para com a Pátria.

Autor: José Gurgel Guará, Advogado e Professor

Oração à Pátria Brasileira – Marechal Deodoro da Fonseca

Pátria brasileira!

Abençoada pela fulgurante luz das estrelas do Cruzeiro do Sul, estás programada pelo Senhor da Vida para que sejas, em futuro não distante, o centro de irradiação do Evangelho restaurado.

Enquanto a humanidade sofre a noite terrível que se abate sobre a Terra, e tu experimentas, solo verdejante, a sombra dominadora do descabro moral dos homens, na Consciência Cósmica que te gerou, estão definidos os desafios e rumos para que logres as tuas conquistas em futuro próximo.

Dormem, nas montanhas em que te apoias e nas intimidades das águas oceânicas do Atlântico, que te banha de norte a sul, tesouros inimagináveis que te destacarão mais tarde no concerto econômico das grandes nações.

Embora a conspiração deste momento contra as tuas matas grandiosas, sobreviverás às ambições desconcertantes de madeireiros, pecuaristas e agricultores desalmados, e dos conciliábulos nefandos que lutam pela destruição da tua Amazônia, que permanecerá como último pulmão da terra, sustentando a sociedade que hoje se encontra sem rumo.

Padeces, na conjuntura atual, a sistemática desagregação dos valores ético-morais, políticos e emocionais, os mesmos que abalam o mundo, mas esses transitórios violadores do dever passarão, enquanto persistirá a tua destinação histórica, Pátria do Porvir!

Conseguiste libertar-te da mancha cruel da escravidão em etapas contínuas, que culminaram no gesto audaz da tua filha, que não teve pejo de, na ausência do pai, por fim ao abuso da exploração impiedosa do negro, também teu filho, no eito terrível e hediondo da perversidade.

Logo depois, já livre do jugo da pátria-mãe que te humilhava, pondo-te em subalterna situação, aspiraste por vãos mais altos, que um dia se transformaram em liberdades democráticas que sorriam para ti, e o teu pavilhão verde, azul e amarelo tremulou, numa república, que a partir de então podia compartilhar do banquete internacional realizado pelos povos livres da Terra.

É certo que ainda estertoras, neste momento de desafios, quando a cultura cambaleia, a ética desfalece, a moral se perverte e os direitos humanos esquecidos são postos à margem pelos dominadores ignorantes de um dia.

Tu, porém, sobreviverás a toda essa desdita, Brasil!

Compreende, neste momento, a desenfreada manobra dos manipuladores da opinião pública e a daqueles que te dilapidam os valores, transferindo-os para os paraísos fiscais da ignomínia e da insensatez, porque esse hediondo crime contra tua economia e os milhões de vidas, será de duração efêmera. Eles morrerão deixando tudo em contas secretas e em aplicações de que jamais se utilizarão...

Enquanto isso ocorre, gemem no teu solo os filhos da miséria, ocultos nos escombros do abandono.

As tuas vielas, ruas e avenidas nos pequenos burgos do interior, nas metrópoles, vêem e sofrem inermes, a desenfreada correria da violência que se atrela ao selvagem potro da morte, dizimando vidas, taladas em pleno alvorecer.

Paga, porém, em paciência e compaixão o preço da tua destinação histórica, na tua condição de futura pátria da paz e do Evangelho de Jesus.

Isso passará, e logo depois da noite de sombria, uma aurora de esperanças irá colocar-te no lugar que te está reservado, quando poderás oferecer lições de misericórdia e de solidariedade ao mundo que não perdoa, tu que te apresentas em forma de um grande coração simbolizando a afabilidade e a doçura.

Oro por ti, Brasil, e por vós, brasileiras e brasileiros, na condição de filho que também sou da terra iluminada pela constelação do Cruzeiro do Sul.

(Mensagem psicofônica recebida pelo médium Divaldo Pereira Franco, na sessão da noite de 16 de novembro de 2005, no Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador, Bahia.)

Tomada de Montese- Nota dos Editores da mensagem

(...) Constatamos, em dado momento, que o ataque estava, praticamente, parando. Resolvemos, então, impulsioná-lo pessoalmente. Deslocamo-nos, assim, para frente, passando a atuar qual um Comandante de Grupo. O Sargento Comandante ponderou, achando que o Tenente estava fazendo “loucuras”, mas passou a atuar com mais energia e denodo. Avançávamos ouvindo o pipocar das granadas de mão dos alemães, as quais explodiam nas proximidades. O Grupo em ação, comigo à testa, quando se aproximava do topo das escadarias do terreno, cerca de 40 metros das duas casas e se preparava para tomar o dispositivo para o assalto, recebeu inesperada e surpreendentemente um denso bombardeio da nossa Artilharia, que nos envolveu, juntamente com o inimigo. Num relance de vista, verificamos que não houve nenhuma baixa. Então bradamos: “Avante! As casas!”.

O Grupo atingiu as posições inimigas, enquanto não se havia dissipado a fumaça da artilharia. Os alemães permaneciam no fundo de seus abrigos, quando os nossos ultrapassaram as suas posições, sabiamente camuflados. Tentaram, então, reagir, mas foram postos fora de combate. O Comandante do Pelotão procurou, imediatamente, reconhecer o terreno em frente e, quando o fazia, foi metralhado de uma das janelas laterais da casa grande, não sendo atingido, mas tendo a sua calça chamuscada. Para fugir dos tiros, saltou para o interior de uma casa ou, mais precisamente, ficou equilibrado na soleira da porta do segundo andar, não podendo penetrar no seu interior, porque o piso da mesma havia sido destruído por tiros de artilharia. Logo a seguir, viu um combatente passar correndo em sua frente, o que o fez esquecer o perigo e sair em sua perseguição, quando constatou que não se tratava de um alemão, mas sim de um soldado brasileiro, que também estava fugindo da metralha inimiga.

Após penetrarmos nas linhas inimigas, a grande preocupação do Comandante do Pelotão era a falta de ligação com a retaguarda, pois temia ser novamente bombardeado pela nossa artilharia. Com seu rádio, procurava, insistentemente, restabelecer a ligação com o Comandante de Companhia, mas não conseguia.

O 3º Sargento, José Marinho de Andrade, Comandante da Seção de Metralhadora Pesada, que nos apoiava, ouvindo pelo seu rádio que o diálogo entre estes dois Comandantes não se completava, resolveu, este graduado, com grande espírito de cooperação e enfrentando grande risco de vida, juntar-se ao Comandante da tropa, que havia, há pouco, rompido as resistências inimigas, quando então, com o seu rádio, foi restabelecida a ligação com o Comandante da Companhia, o qual foi informado de que havíamos introduzido uma cunha na defesa adversária, mas que a situação era crítica, pois recebíamos tiros de armas tensas pelos dois flancos. O Capitão Sidney prometeu mandar um Pelotão de Fuzileiros para nos reforçar. O fato de o nosso pelotão ter sofrido bombardeio da nossa própria Artilharia foi explicado pelo General Delmiro Pereira de Andrade, Comandante do 11º RI, no seu livro O 11º RI na II Guerra Mundial, do seguinte modo:

“A 2ª Companhia está sendo bastante hostilizado nas encostas Sul de Montese. O Pelotão mais avançado tem várias baixas, inclusive seu Tenente, S/3 do RI informa ao Comandante do I Batalhão que uma concentração de dois Grupos de Artilharia ia ser desencadeada sobre as resistências de Montese. Uma mensagem urgente, às 14h, do Capitão Sidney, Comandante da 2ª Companhia, informa

que o Tenente Iporan entrara em Montese sob terrível bombardeio e que suspendesse, imediatamente, a concentração que havia começado momentos antes. Um mensageiro enviado pelo Tenente Iporan informava ao Comandante de Companhia a sua verdadeira situação, isto é, que havia atingido o seu 1º objetivo: Montese”.

Realmente, o Soldado Mensageiro Melo, vencendo sozinho inúmeras dificuldades conseguiu fazer chegar, numa boa hora, a minha mensagem ao Comandante de Companhia, da qual resultou a suspensão do bombardeio que, há poucos minutos, se iniciara sobre o nosso Pelotão. (...)

EMANCIPAÇÃO DE URUGUAIANA



Carlos Fonttes

Escritor/artista plástico

carlosfonttes@ibest.com.br

(Tela a óleo - Autor Carlos Fonttes – vista do rio Uruguai e da ponte internacional – 2002)

A bibliografia sobre a nossa Uruguaiana, que em 29 de maio, completará seus 164 anos de

emancipação é vasta e riquíssima de fatos que fizeram a sua própria história, tanto na literatura, como na iconografia deixada, onde podemos acompanhar sua trajetória e vermos, através de uma velha fotografia ou um quadro de algum artista, toda a mudança de uma época que hoje fazem parte da nossa própria vida cidadina.

Nasceu Uruguaiana sob a bandeira farrapo – daí sua denominação de “URUGUAIANA – FILHA DILETA DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA”.

Sua toponímia está intimamente ligada às origens indígenas e a devoção cristã. URUGUÁ, em Tupi-Guarani significa “Caracol” ou “Caramujo”. E “Y” significa “Rio” – daí, “Rio dos Caramujos ou Rio dos Caracóis”. A palavra “ANA”, em homenagem à padroeira da cidade, Nossa Senhora de Sant’Ana, advindo assim a palavra URUGUAIANA, celebrada e imortalizada pelos intelectuais, filhos desta terra, com vários cognomes que ficaram na história: “Rio dos Pássaros” de Hugo Ramires, “Atalaia da Pátria” de Urbano Lago Villela e tantos outros que fizeram desta terra o seu cantar constante.

A cidade está localizada na fronteira oeste do estado, figurando como um dos mais importantes municípios do Rio Grande do Sul. Sua localização geográfica está implantada em ponto privilegiado do território gaúcho, onde faz fronteira com a República Argentina e poucos quilômetros do Uruguai. Este florescente município, e seus fundamentos de fundação, encontram-se na epopéia farroupilha, havendo sido legados por Domingos José de Almeida e assinado em seu primeiro Decreto por Bento Gonçalves da Silva e Francisco de Sá Brito, quando esse governo estava sediado na cidade de Alegrete.

Um dos jornais mais antigos do estado, “Estrela do Sul”, editado pela tipografia Republicana Riograndense, em Alegrete, publicou na íntegra, o Decreto que instituiu a criação da povoação, em data de 24 de fevereiro de 1843, sobre a margem esquerda do rio Uruguai, uma Capela Curada, que ficou denominada de CAPELA DO URUGUAI.

Pelos meados de 1846, o Decreto nº. 58, de 29 de maio, assinado pelo Presidente da Província, Patrício Correa da Câmara, elevou esta povoação à categoria de Vila, ficando assim

constituído em município independente e com o seu território desmembrado da cidade de Alegrete, de que até então, pertencia àquele município, como Segundo Distrito.

Transcrevemos na íntegra o presente Decreto:

“Art. 1º - Fica elevada à categoria de Vila a nova povoação de Sant’Ana, à margem esquerda do Uruguai e gozará de todos os foros e privilégios que por lei tem as vilas;

Art. 2º - Esta vila se chamará URUGUAIANA e nela haverá uma paróquia, desde já, sendo seu orago aquela mesma santa;

Art. 3º - O Presidente da Província marcará provisoriamente os limites do município da fronteira, submetendo-os a esta assembléia, na sua primeira reunião, a fim de, definitivamente, serem afixados;

Art. 4º - Os habitantes do município farão a sua custa e promoverá a subscrição;

Art. 5º - Ficarão consignados, devendo o Presidente da Província, dá-los por prestação, à medida que o andamento da obra o exigir, ao pároco ou a pessoa, cujo cargo ela estiver.

Art. 6º - Ficam revogadas as leis e disposições em contrário. Mande, portanto a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução da referida lei pertence, que a cumpram, e façam cumprir inteiramente como nela se contém”.

As comemorações de aniversário de Uruguaiana têm sido comemoradas, com maior ênfase no mês de maio, devido a ser impróprio para tal, no mês de fevereiro.

No Governo do Cel Schmidt, pelo Decreto nº. 116, de 20 de maio de 1970, oficializou a data de fundação de Uruguaiana, para 28 de maio. Embora haja divergências interpretativas quando à data de sua fundação, é bom que, diante dos fatos expostos, façamos referência às palavras do Prof. Raul Pont, que nos legou para a posteridade:

“A razão primeira da existência de uma comunidade, encontra-se no ato legal que a instituiu, quer como povoação, quer como núcleo dessa povoação”.

E assim, em 29 de maio comemora-se a data de Emancipação de Uruguaiana, quando passou a categoria de Vila, desmembrando-se definitivamente de Alegrete.

Notícias

Em 19 de maio passado, no novo Auditório do CMS/QGI, Porto Alegre, foram desenvolvidas as palestras “A Infantaria de Sampaio nas guerras do século XIX, a cargo do Cel Juvêncio Saldanha Lemos, e “Sampaio e a Guerra da Tríplice Aliança”, a cargo do Cel Cláudio Moreira Bento. As palestras contaram com as presenças de diversos generais da ativa e da reserva, bem como coronéis, civis, demais oficiais e graduados.

Em seguida, no Salão de Honra do CMS, no 5º piso, foi lançado o livro Brigadeiro Sampaio – O patrono da Infantaria, de autoria do Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul, Cel Cláudio Moreira Bento.

Estas atividades fazem parte das comemorações dos 200 anos de nascimento de Sampaio.

As comemorações continuam em 24 de maio no 19º BIMtz e, no dia 06 de julho, quando se completam 144 anos da morte do Patrono, haverá as atividades de encerramento na Praça Sampaio, situada na Rua dos Andradas, próxima ao Gasômetro, em Porto Alegre.

Dos 36 anos de serviço militar de Sampaio, 21 foram no Sul do Brasil e no Prata, e 14 no Nordeste. Alguns meses foram no Rio de Janeiro. Sampaio casou em Jaguarão e o casal teve três filhas e um filho.

Sampaio morreu em 06 de julho de 1866 a bordo do navio Eponina que o estava transportando, gravemente ferido na Batalha de Tuiuti, para o Hospital Militar Brasileiro em Buenos Aires.

Luiz Ermani Caminha Giorgis, Cel
2º Vice-Presidente e Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS
Delegacia Gen Rinaldo Pereira da Câmara
Porto Alegre, RS – lecaminha@gmail.com

